



**UM ESTUDO SOBRE A REDUÇÃO DOS DITONGOS NASAIS NA FALA
FLUMINENSE**
**A STUDY ON NASAL DIPHTHONG REDUCTION IN RIO DE JANEIRO
SPEAKERS' ORAL PRODUCTION**

Caio Cesar Castro da Silva¹

Resumo

Neste estudo, pretendemos verificar se a redução dos ditongos nasais em sílaba átona final é um processo característico da fala de indivíduos menos escolarizados no Português Brasileiro. Para tanto, são observadas as sílabas átonas finais de palavras recolhidas em um *corpus* da variedade fluminense que contrasta a fala de indivíduos com ensino superior completo com indivíduos cuja formação acadêmica é do nível fundamental. Os resultados apontam que esse é um fenômeno pouco difundido na fala carioca, mas presente tanto nas variedades de indivíduos menos escolarizados, quanto na dos mais escolarizados.

Palavras-chave: Redução dos ditongos nasais; Sílabas átonas finais; Fala popular; Fala culta; Sociolinguística variacionista.

Abstract

In this study, we intend to verify if the reduction of nasal diphthongs in final unstressed syllables is a characteristic process of brazilian speakers with lower level of education. In order to do so, we observe the final unstressed syllables of words registered in a corpus of Rio de Janeiro variety that contrasts graduates speakers and those with elementary level of formal education. The results indicate that this phenomenon is not wide spread in the speech of Rio de Janeiro,

1 Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET/RJ). E-mail: caiocvianna@gmail.com.

Recebido em: 15/10/2018

Aceito em: 07/11/2018



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

but it is attested in both varieties.

Keywords: Nasal diphthong reduction; Final unstressed syllables; Popular speech; Graduated speech; Variationist Sociolinguistics.

Apresentação

Neste trabalho, investiga-se a redução dos ditongos nasais em posição átona final. Esse processo, de caráter variável, pode ser produzido, em português brasileiro, de três formas: (i) com a preservação do ditongo nasal, *pedir[ẽw̃]*; (ii) com a transformação do ditongo em vogal nasal, *pedir[ũ]*; e (iii) com a perda da nasalidade, *pedir[ɔ]*. Os dois últimos casos são acomodados, neste trabalho, sob o mesmo rótulo, o que faz com que se analise uma variável binária: com redução (casos ii e iii) e sem redução dos ditongos nasais (caso i).

A principal hipótese se refere ao fenômeno ser considerado uma característica da fala popular (VOTRE, 1978). Com o objetivo de questioná-la, levantam-se dados no *corpus* de fala do Projeto Concordância, que tem, em seu acervo, informantes com ensino fundamental e com ensino superior, moradores de Copacabana e Nova Iguaçu.

Os resultados sugerem que, antes de ser caracterizada como marca de uma determinada variedade, a redução pode ser observada tanto entre os indivíduos com baixa escolaridade, quanto entre os que têm alta escolaridade. A diferença está na frequência com que ocorre em cada um desses grupos, pois indivíduos que tiveram menor tempo de exposição à educação escolar apresentam taxas maiores de ocorrência do processo de redução.

O texto está dividido do seguinte modo: na seção a seguir, descreve-se o processo e elencam-se as contribuições que outros trabalhos trouxeram para o estudo; na segunda seção, apresentam-se as linhas gerais da Teoria da Variação e Mudança; na terceira seção, definem-se a variável dependente, os grupos de fatores e os métodos utilizados na análise; na quarta seção, descrevem-se os resultados preliminares e a interpretação que se faz desses dados; por fim, apontam-se as futuras etapas do trabalho.

Estudos sobre a redução dos ditongos nasais

Os ditongos nasais podem ser criados (WETZELS, 1997; BISOL, 1998) em sílabas com proeminência acentual ou sem incidência de acento. O primeiro caso, segundo Wetzels, está relacionado aos verdadeiros ditongos, que apresentam alto grau de lexicalização, como *canhão*, *mãe* e *muito*; já o segundo é composto dos ditongos derivados, como *homem*, *falavam* e *fórum*. Esse segundo tipo, de acordo com Bisol, surge da vogal que assimila a nasalidade e cria o glide com mesmo ponto de articulação. É chamado de ditongo pós-lexical, pois regras de assimilação, como é o caso do espriamento da nasal, só podem atuar em níveis não cíclicos (BISOL, 1998), ou seja, em nível externo ao léxico.

A realização desses ditongos é variável no português brasileiro, podendo se manifestar por meio do ditongo nasal (1), de um monotongo nasal (2) ou da sua redução por completo (3).

(1) é isso... ir à praia, correr, ver gente, andar na rua, casa de amigos... tenho vários que **moram** [ˈmɔrẽw] em Copacabana... em cada esquina tenho alguém que mora...(transcrição da fala de homem jovem, morador de Copacabana e com ensino fundamental completo – COP-A-1-H)

(2) eu não digo nem que/pelos professores, sabe porquê? tem professores aqui... os meus filhos **estudaram** [iʃtuˈdarũ], vocês conhecem Iguaçuano? Já **ouviram** [oˈvirũ] falar?

(3) não... que eu saiba não, acho que teve um último aumento agora mas foi na **passagem** [paˈsaʒɪ] do trem que foi pra dois e quarenta e cinco (transcrição da fala de homem jovem, morador de Nova Iguaçu e com ensino fundamental completo NIG-A-1-H)

No que se refere às pesquisas que já foram realizadas sobre o tema, podem-se destacar as de Votre (1978), Guy (1981), Battisti (1997, 2002) e Bopp da Silva (2005).

Investigando a fala de indivíduos não escolarizados, Votre (1978) observa a realização da vibrante final e da nasal final. Com relação à apócope do apêndice nasal, os resultados obtidos permitem afirmar que o processo se encontra em variação estável, o que confirma que as nasais são os segmentos menos propensos ao apagamento. Os contextos que favoreceram o cancelamento da nasal foram os seguintes: palavras polissílabas, formas verbais de presente, vogais altas no contexto precedente e sílabas átonas.

O autor traçou ainda o percurso de como o processo teria se desenvolvido, iniciando por verbos e se expandindo para as outras categorias gramaticais. De modo geral, o início teria acontecido em formas verbais de presente, que apresentam menor saliência fônica, a partir das quais o apagamento da nasal teria seguido para as demais classes gramaticais. Além disso, é provável que tenha atingido primeiramente os vocábulos mais extensos, já que os monossílabos tendem a ser resistentes à atuação do fenômeno.

Guy (1981) adota a mesma metodologia já testada no trabalho de Votre (1978) para pesquisar os efeitos da não concordância na fala carioca. Para tanto, elege dois fenômenos como objetos de estudo: o apagamento do -s na concordância nominal e a desnasalização na concordância verbal. O autor (1981: 202) entende que a desnasalização no português brasileiro seja um reflexo de um progressivo enfraquecimento das consoantes nasais em coda silábica, que remonta à história do português.

Os grupos de fatores utilizados por Guy foram os mesmos que Votre (1978) selecionou em seu estudo. O autor observou que a fala das mulheres tende a ser mais próxima da variedade de prestígio, embora todos os informantes tenham apresentado níveis satisfatórios de concordância entre sujeito e verbo.

Battisti (1997) discute questões que envolvem a nasalidade vocálica no português brasileiro, entre as quais estão as seguintes: a assimilação do ponto de articulação do elemento seguinte à nasal em coda; a emergência do ditongo *ão* e a desnasalização dos ditongos nasais. A Teoria da Otimalidade serve de suporte para o argumento de que uma restrição prosódica, que envolve a posição do acento, seja a responsável pela emergência do candidato com redução do ditongo nasal.

A autora retoma o tema em trabalho posterior (2002) sob a perspectiva da teoria sociolinguística. Selecionaram-se para a análise noventa amostras de fala do *corpus* do projeto VAR-SUL, que estão distribuídas pelos três estados da região Sul do país. Os resultados mostraram que os falantes de Santa Catarina tendem a reduzir mais os ditongos nasais, enquanto os do Paraná inibem o processo. Além disso, os fatores selecionados pelo programa computacional Varb2000 foram a classe morfológica dos nomes e o contexto subsequente iniciado por vogal. Já os contextos desfavorecedores do fenômeno foram a vogal no contexto precedente e a presença de pausa ou consoante no contexto subsequente.

Bopp da Silva (2005) focaliza o fator bilinguismo ao realizar um estudo contrastivo entre falantes monolíngues de Porto Alegre e bilíngues de Panambi, cidade do interior gaúcho. Para tanto, reuniu um conjunto de vinte e quatro informantes do banco de dados do VARSUL. A hipótese para o estudo é que os falantes bilíngues não favoreçam a redução dos ditongos, visto que em alemão, a língua de contato, não há vogais nasais. Assim, os falantes bilíngues tenderiam a reforçar os casos de nasalidade.

De fato, os resultados confirmaram que os falantes monolíngues apresentaram maiores índices de aplicação da regra, principalmente os mais jovens e com baixa escolaridade.

Todos os trabalhos consultados, portanto, parecem concordar que o perfil que mais favorece a redução dos ditongos é o de jovens com baixa escolaridade. Cabe, portanto, verificar se é mesmo um fenômeno característico da fala popular.

Fundamentação teórica

Este estudo fundamenta-se nas assunções sociolinguísticas da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]), que se interessa por analisar de que modo a sociedade interfere na linguagem ou a linguagem age sobre a sociedade. O compromisso com a variação é inerente e decorre da reflexão de que condicionamentos linguísticos, sociais, culturais e comportamentais atuam na realização dos dados da língua. Se as sociedades, as culturas e os comportamentos são distintos, haverá, incontestavelmente, reflexos na manifestação da linguagem.

O século XX viu surgir o interesse pelo estudo da linguagem como um objeto científico, cercado de rigor metodológico e fundamentação epistêmica (WEEDWOOD, 2002). Os

princípios teóricos decorrem, em grande parte, da tradição objetivista que dominou os estudos linguísticos dos últimos dois mil anos. Essa doutrina objetivista, seja na sua esfera metafísica, seja em sua epistemologia, provocou inúmeros problemas para as concepções do pensamento e da linguagem, sobretudo na categorização humana (LAKOFF, 1987). De acordo com Putnam (2008), a percepção cartesiana instaura uma cópia da realidade, quando, na verdade, a categorização indica que a apreensão do real reflete uma invenção, mesmo que parcial, do mundo.

É esse cenário epistêmico-filosófico que ancora as principais assunções estruturalistas e gerativistas da linguagem humana, como a dicotomia fundamental saussuriana de língua e fala, retomada mais tarde sob a oposição chomskiana de competência e desempenho. A concepção construída em torno do termo língua é bastante sintomática desse processo, visto que passou a ser considerada um objeto autônomo e homogêneo. Entretanto, nada parece mais pungente que a noção de um falante ideal, isolado do contexto real de produção linguística (CHOMSKY, 1975).

A ideia de unidades discretas, como fonemas, morfemas etc., reitera a concepção categórica que era pretendida para a língua. O espaço para a variação não existia, por razões claras, nas teorias linguísticas, pois, conforme foi postulado por Saussure (2006: 271), “a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”. É o estudo dos fenômenos da linguagem sem interferência do meio social, o que se aproxima, de certo modo, ao estudo da competência do falante-ouvinte ideal, i.e., do sujeito universal, indiferente às trocas sociais que são motivadas pela interação verbal. Chomsky (1975: 83) caracteriza o falante ideal da seguinte forma:

situado numa comunidade completamente homogênea, que conhece perfeitamente a sua língua e que, ao aplicar o seu conhecimento no uso efetivo, não é afetado por condições gramaticalmente irrelevantes, tais como limitações de memória, distrações, desvios de atenção e de interesse, e erros (casuais e característicos).

A idealização que as reflexões estruturalistas e gerativistas provocaram fez com que a linguística incorporasse a premissa da linguagem categórica. A preocupação em verificar a competência mantinha distante o debate em torno do desempenho, já que neste surgia a variação do mundo real (CHAMBERS, 1995). Assim, a própria coleta de dados refletia o distanciamento da variação, pois se contava apenas com a intuição do pesquisador.

Labov (2008 [1972]: 217, 218) considera que a dicotomia *língua e fala* acaba instituindo um paradoxo para os estudos estruturalistas, visto que a parte social da linguagem, a língua, pode ser observada a partir de qualquer indivíduo, já que todos apresentariam o conhecimento inato necessário, porém os dados da parte individual da linguagem, a fala, só podem ser obtidos a partir da observação de um grupo de falantes. Essas críticas ao aspecto metodológico das teorias linguísticas, aliadas à inclusão da diversidade na abordagem de língua (BRIGHT, 1966),

fizeram com que o objeto de estudo da linguística passasse a ser a estrutura em seu contexto social.

O axioma da categoricidade foi, então, sendo enfraquecido com a insurgência do paradigma variacionista, que propusera que as unidades linguísticas fossem variáveis, contínuas e quantitativas (LABOV, 1966). De acordo com Chambers (1995: 25), são variáveis porque admitem mais de uma realização para a mesma unidade; contínuas, porque podem assumir diferentes significados dependendo da distância entre a forma coloquial e a padrão; e quantitativas, porque se calcula sua ocorrência em termos de frequência, e não da presença/ ausência.

A Sociolinguística substitui o axioma da categoricidade pela heterogeneidade ordenada. Para tanto, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) desatam o nó que amarrava a estrutura linguística à homogeneidade e assinalam a importância de compreender a língua como um objeto variável. Por consequência, rejeitam o estudo da língua do indivíduo, à custa das influências sociais e estilísticas que o meio pode fornecer. Conforme Trudgill (1974: 21) afirma, foi conveniente, num primeiro momento, focalizar o idioleto para que a disciplina linguística avançasse. No entanto, a omissão do fato de que a língua é um fenômeno variável trouxe prejuízos para o desenvolvimento teórico, porque a língua é, acima de tudo, um fenômeno social.

A Sociolinguística se preocupa em compreender a relação que existe entre língua, sociedade e cultura, buscando, portanto, observar a língua em seu contexto social. A importância da empreitada sociolinguística não está só em procurar saber como e por que as línguas mudam, mas também em identificar maneiras de desenvolver teorias e hipóteses para entender a natureza da linguagem.

A condição essencial de que a língua seja um fenômeno heterogêneo permite observar as relações sociais e culturais que são estabelecidas entre diferentes comunidades linguísticas. Além disso, a premissa de variabilidade linguística possibilita a realização de estudos sobre a mudança (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]), sem que se abandone a funcionalidade da língua. Em outras palavras, a língua funciona normalmente à medida que passa por mudanças. Daí que a Teoria da Variação e Mudança se interessa na transição de uma variante para outra, na avaliação que os falantes fazem de cada uma das variantes, na implementação de uma determinada variante no sistema linguístico e no reconhecimento de que qualquer mudança é encaixada no sistema.

Metodologia

Como dito anteriormente, os resultados encontrados por Votre (1978) permitiram-no que afirmasse que a redução dos ditongos nasais poderia ser considerada um fato da gramática de indivíduos com menor escolaridade. Essa generalização, que é reiterada em outros trabalhos

(GUY, 1981; AMARAL, 1955), se mostrou bastante relevante na escolha da amostra que serviria de base para a análise dos dados deste trabalho, visto que o acervo deveria contemplar, sobretudo, falantes com diferentes taxas de escolaridade.

Optou-se por utilizar o *corpus* do Projeto Concordância (disponível em <http://www.concordancia.letas.ufrj.br>), coordenado pelas professoras Silvia Vieira Rodrigues (UFRJ) e Maria Antônia Ramos Coelho da Mota (CLUL). O projeto surgiu da necessidade de investigar os padrões de concordância nas variedades do português, já que esse caso é, frequentemente, apontado como um dos principais diferenciadores de PB e PE. Foram, então, selecionadas duas localidades no Rio de Janeiro (Copacabana e Nova Iguaçu) e duas em Lisboa (Oeiras e Cacém), além do português africano, para servirem como ponto de referência para a seleção de informantes. É um *corpus* atualizado e robusto (18 informantes em cada localidade) que cumpre o papel de estabelecer generalizações sobre as diferenças sintáticas e morfofonológicas das variedades.

Foram selecionados, para este estudo, vinte e quatro informantes do estado do Rio de Janeiro, distribuídos em igual número entre aqueles que tinham completado o Ensino Fundamental e os que tinham Ensino Superior. Desse modo, é possível testar a generalização feita por Votre (1978), a fim de verificar a relação entre menor frequência escolar e maior ocorrência de redução da nasalidade em ditongos. Além do fator escolaridade, as vinte e quatro amostras foram escolhidas segundo os seguintes critérios extralinguísticos: gênero (doze homens e doze mulheres), localização geográfica (Copacabana e Nova Iguaçu) e faixa etária (faixa 1, de 18 a 35 anos; faixa 2, de 36 a 55 anos; e faixa 3, de 56 a 75 anos).

Sendo este um estudo com orientação da sociolinguística laboviana (1994), após a coleta dos dados no *corpus* do Projeto Concordância, procedeu-se à codificação das ocorrências, de acordo com as variáveis linguísticas e sociais definidas na próxima seção. Os dados, que foram submetidos a um tratamento estatístico no programa computacional Goldvarb-X, puderam, então, ser descritos e analisados.

A variável binária que se propõe, neste estudo, focaliza, portanto, a manutenção ou o apagamento do ditongo nasal em sílabas átonas. A tonicidade, de acordo com Guy (1981: 204), Battisti (1997, 2002) e Bopp da Silva (2005), seria um traço redundante, visto que o fenômeno não aconteceria em sílabas acentuadas, menos propensas por natureza a sofrerem perdas fonéticas. Entretanto, conforme demonstrado por Castro (2016), a redução dos ditongos nasais ocorre em larga escala no monossílabo tônico de negação *não*, que pode ser produzido como [nẽw̃], [nũ], [nu], ou até mesmo como [n] simplesmente².

Abaixo, as variantes com manutenção do ditongo nasal e com perda do ditongo nasal são ilustradas com exemplos recolhidos no *corpus*. Os exemplos (3) e (4) dizem respeito ao primei-

2 Como foge ao escopo deste trabalho, não trataremos deste caso de redução do ditongo nasal no advérbio de negação. Para detalhes, verifique Castro (2016), que analisou o fenômeno a partir de uma abordagem fonológica.

ro tipo; e os dados de (5) a (7), ao segundo.

(3) o ponto loTAdo me **pediram** eh: uma ajuda para complet/completar a **passagem..** e aí eu falei “olha (eu) num tenho” (COP-A-3-H)

(4) eu tenho amigas que **moram** ali pra dentro de Nova Iguaçu, elas **falam** coisas... que eu fico/eu fico horrorizada. Assim vai chegar na porta de casa, tem um monte de menino parado, cheirando... coisas assim que eu escuto. Então eu não sairia daqui (NIG A 3Mcomp)

(5) você tem que arriar as calça, ficar pelada pra elas, agachar três vezes pra depois entrar lá pra dentro. A gente leva comida. Eles **revira** tudo! É uma... é uma porcaria só que eles **faz** lá. Presídio é muito ruim (COP-A-1-M)

(6) igual: muita gente fala que quem tem **tatuage** num: num consegue emprego... apesar que hoje em dia você vê várias pessoas que trabalham em segurança PM... tem o braço tatuado... tem **tatuage** no pescoço... eu mesmo fiz uma agora há pouco tempo (NIG-A-1 H)

(7) os professores até **comparece**. Eu conheço alguns mas para mim o problema não está s(ó) nos professores: para mim o problema tá na juventude a juventude tá terrível, cara. Eles num querem respeitar o professor. Eles vão pra a escola só para zoar: eh fumar, eh:: pegar as meninas, eh as meninas. Olha, você vê, eu moro em frente ao colégio, eu vejo cada coisa desses adolescentes aqui: é fumando na porta da escola... Ah, num tem muitos anos matarum um professor dessa escola aqui... ele deu a nota vermelha para o garoto (NIG-B-1-M)

Não foram controlados os casos de ausência de marca de concordância verbal em algumas formas pretéritas, como a de (8) a seguir. Nesses dados, há material fonético suprimido além do que é nosso foco de investigação, a perda do ditongo nasal. Foram contabilizadas apenas as ausências de marca de concordância nos casos que coincidiam com ausência de nasalidade, por exemplo, no tempo presente, como em (9).

(8) apesar que eles também já são bem grandinhos eles conseguiram entender bem mais rápido que eu na época que (o) meu pai e (a) minha mãe se **separou...**(NIG-A-1-H)

(9) apesar que minha filha entra, entra chorando, mas elas **brinca, bate** palma, **canta** musiquinha (COP A 1 M)

No exemplo (8), a ausência de marca de concordância na forma verbal *separou* não pode ser considerada redução do ditongo, pois envolve questões morfossintáticas que não são contempladas neste estudo. Em (9), ao contrário, embora haja ausência de marca de concordância, a saliência fônica é menor, porque o único material fonético apagado é a consoante nasal.

Seguindo os passos dos trabalhos mencionados sobre o tema, definiram-se, neste estudo, quatro grupos de fatores internos: extensão do vocábulo, categoria gramatical da palavra, con-

texto fonético precedente, e vogal simultânea. Quanto às variáveis sociais, definiram-se quatro grupos: gênero dos informantes, faixa etária, localização geográfica e escolaridade.

Descrição das hipóteses dos fatores linguísticos

Com relação à extensão do item lexical, levanta-se a hipótese de que os vocábulos mais extensos seriam mais sensíveis à redução do ditongo nasal, enquanto os mais curtos condicionariam sua manutenção. Com o intuito de confirmar a hipótese, foram definidos os seguintes fatores: dissílabos (10), trissílabos (11) e polissílabos (12).

(10) o filho dela estuda aqui perto, a filha também, muito fracos...os professores **fazem** o quer (NIG-A-3-M-comp)

(11) quer dizer a escola pública lá dá de dez a zero na escola particular daqui... e eles **gostam**... eles tem orgulho (COP-B-3-M)

(12) só que infelizmente...eu acho que certas famílias não **preparam** as/as/as...os filhos para o casamento... (NIG-B-1-H)

(13) **estudaram**... uns **estudaram** no Santo Inácio... outros **estudaram** aqui no México né (COP-C-1-H)

Sobre a categoria gramatical, os resultados encontrados por Votre (1978) revelaram que os verbos não pretéritos favorecem o apagamento da nasal, mas os verbos pretéritos e os substantivos a retêm, contrariando parcialmente a hipótese do autor, que previa maior frequência de apagamento entre artigos, conjunções e preposições. Os verbos monossílabos também se mostraram bastante sensíveis à redução dos ditongos, apresentando um comportamento quase categórico (97%).

Battisti (2002), por sua vez, obtém índices conflitantes com os de Votre, pois não se verificam pesos relativos significativos para verbos, mas sim para substantivos. Nomes terminados em *-gem* apresentaram valores de 0.77, enquanto as formas verbais não pretéritas retornaram um peso relativo de 0.44. Conforme a autora argumenta, esses resultados indicam uma polarização entre substantivos e verbos, que se iniciaria nos nomes com terminação em *-gem*, passaria aos nomes em geral, aos verbos de tempo pretérito e terminaria nos verbos de tempos não pretéritos. Essa configuração é também percebida em Bopp da Silva (2005), cujos resultados reforçam o caráter polarizado na distribuição das classes: verbos, de um lado; e substantivos, de outro. Segundo Schwindt e Bopp da Silva (2009), os substantivos terminados em *-gem* seriam uma categoria favorecedora do apagamento pelo fato de esse sufixo apresentar um traço alomórfico, responsável por gerar tanto a variante com manutenção da nasal, quanto a variante com perda da nasal (*garagem* e *garage*).

Os resultados obtidos por Guy (1981) não permitem tecer maiores generalizações, uma

vez que a definição de apenas dois fatores (verbos e não verbos) para o grupo classe gramatical não se mostrou significativa: verbos têm um peso relativo de 0.49 de desnasalização; e não verbos, de 0.51.

Com base nesse quadro, parece mais coerente adotar um critério funcional para conferir a contribuição de cada classe de palavras para a redução dos ditongos nasais (BATTISTI, 2002). Assim, acredita-se que, nos casos em que a consoante nasal seja responsável por uma informação morfológica, haja menor probabilidade de apagamento. Já nos demais contextos, ou seja, aqueles em que o apêndice nasal é uma unidade sem valor morfológico, o apagamento pode ocorrer com maior frequência. Espera-se, portanto, que verbos favoreçam menos a redução dos ditongos que as demais classes, porque a nasal veicula o significado de número e pessoa em desinências verbais.

A variável categoria gramatical reúne os seguintes fatores: advérbios (o único dado registrado foi o da palavra *ontem*), substantivos, verbos no presente³, verbos no pretérito, verbos no futuro⁴, verbos no imperativo e formas nominais do verbo.

A respeito do contexto fonético precedente, observa-se que a consoante nasal em posição de onset pode desfavorecer a redução do ditongo por força de assimilação progressiva (GUY, 1981). Dados como *muito* ['mũyto], *uma* ['ũmẽ] e *andando* [ã'dãno] podem apresentar realização com alteração consonântica (MARCHAL e REIS, 2012), fenômeno recorrente na história do português (CASTRO, 1991). Nos dois primeiros exemplos, as vogais assimilam a nasalidade da consoante precedente; no último, a oclusiva alveolar assimila o traço nasal da consoante em coda, que sofre ressilabação e passa à posição de onset silábico. Desse modo, uma consoante nasal no ataque poderia inibir o apagamento do ditongo nasal. A hipótese que se propõe investigar, então, é que elementos com traço [+ nasal] no ataque silábico desfavorecem a redução dos ditongos.

Por fim, sobre a vogal simultânea, a hipótese de que Votre (1978) lança mão e é retomada em Bopp da Silva (2005) está relacionada à configuração articulatória dos elementos. Segundo o autor (1978: 112), “parece mais natural combinar a abertura da cavidade oral e da cavidade nasal para sons não-altos do que para segmentos do tipo /i, u/”. É esperado, então, que vogais mais altas favoreçam a redução do ditongo e as mais baixas não atuem na aplicação da regra. Embora os resultados de Votre (1978) tenham confirmado sua hipótese inicial, nas análises de

3 Incluímos no mesmo grupo os verbos de tempo presente de modo Indicativo e os de modo Subjuntivo. Acreditamos que, num primeiro momento, seria mais relevante observar os resultados de uma perspectiva mais ampla para que, num segundo momento, se possa selecionar os casos que merecem maior cuidado. O mesmo agrupamento foi feito para as formas verbais de tempo pretérito e futuro.

4 Não foram contabilizadas formas de futuro do presente, visto que nesse tempo o ditongo nasal se encontra em sílaba tônica. Foram recolhidos os dados de formas verbais de futuro do pretérito e futuro do subjuntivo, respectivamente:

(a) seria bom pra abrir portas e pensamentos e conhecer pessoas que **estudariam** aquilo (COP-A-1-M)

(b) meu sonho agora é neto quando eles **casarem** (NIG-B-1-M)

Bopp da Silva e Battisti, esse grupo não foi selecionado pelo programa de tratamento estatístico.

As vogais selecionadas para a análise são as seguintes: /a/ (*mudaram, adquiriram*), /i/ (*shopping*), /e/ (*passagem, quisessem*) e /u/ (*fórum*).

Resultados

A partir do tratamento estatístico no programa Goldvarb-X, obteve-se um total de 1674 dados, dos quais 282 (17%) apresentaram a redução dos ditongos nasais e 1393 (83%) preservaram a nasalidade do ditongo. Como se pretende observar o apagamento do ditongo nasal em posição átona final e uma das hipóteses se refere à relação do processo com a fala popular, definiu-se a redução como o valor de aplicação da regra variável.

O *input* geral foi de 0,17, semelhante à frequência relativa. Esses baixos índices de aplicação do apagamento do ditongo nasal vão ao encontro dos resultados capturados em pesquisas anteriores. É um processo de baixa aplicação e bastante diversificado, de acordo com o que se pôde observar⁵. Votre (1978) sinaliza que se trata de um fenômeno menos difundido do que a apócope do *r*, que está generalizada tanto na fala culta (CALLOU e SERRA, 2012), como na fala popular (CALDAS e CALLOU, 2014; BRESCANCINI e MONARETTO, 2008).

Os trabalhos de Battisti (2002) e Bopp da Silva (2005) também indicam que o processo tem baixo valor de aplicação, o que pode ser justificado pelo fato de a nasal ser o elemento mais resistente à queda em coda silábica (VOTRE, 1978). O gráfico abaixo ilustra a frequência geral de aplicação da regra:

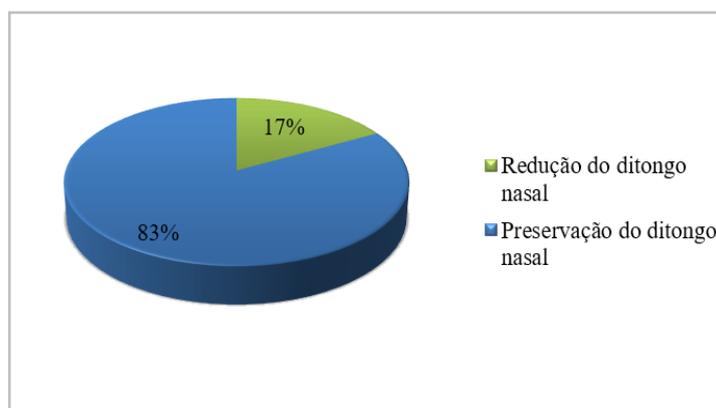


Gráfico 1: Frequência geral da redução dos ditongos nasais.

⁵ O caso do advérbio *não* já demonstra a diferença no processo, visto que esse item se comporta de modo diferente de outros elementos quando ocupa fronteiras prosódicas mais altas Castro (2016). Além disso, a redução de um substantivo terminado em *-agem*, como *garagem* ou *politicagem*, pode ser condicionada por fatores diferentes daqueles que interferem na redução de uma forma verbal de pretérito perfeito, como *fizeram* ou *correram*. Nesses casos, devem ser consideradas a concordância verbal, a informação morfológica etc. Parece ser necessário filtrar, nas etapas futuras, os casos de redução, de modo que fiquem agrupados de acordo com suas características específicas.

A seguir, tratamos separadamente cada um dos grupos de fatores. Os valores indicados nas tabelas são os de aplicação da regra de redução dos ditongos. Na primeira coluna indicamos os fatores em questão; na segunda, o número absoluto de ocorrências do fenômeno e o número total de dados; na terceira, o percentual de aplicação do fenômeno; e, por fim, o peso relativo.

Os grupos de fatores selecionados pelo programa foram, segundo a ordem de favorecimento da redução dos ditongos: faixa etária, escolaridade, extensão do vocábulo, localização geográfica, categoria gramatical, contexto fonético precedente, vogal simultânea e sexo.

O primeiro grupo de fatores selecionado pelo programa foi o de faixa etária dos informantes. Verificou-se que os mais jovens lideram a aplicação da regra com 22% de ocorrências e peso de 0,66. No entanto, diferentemente do esperado, os mais idosos aparecem logo em seguida com o mesmo percentual e peso relativo de 0,63, como se pode observar na Tabela 7.

Faixa etária	Oco./ Total	% de redução	Peso relativo
1	85/ 379	22	0,66
2	49/ 633	8	0,28
3	148/ 658	22	0,63
Total	282/1674	17	Input de 0,09

Tabela 7: Redução dos ditongos nasais em relação à variável faixa etária

A faixa etária intermediária é a única que não favorece a redução dos ditongos. O resultado não está alinhado com o que foi encontrado por Bopp da Silva (2005), nem corrobora a hipótese de que os falantes da terceira faixa etária seriam responsáveis por preservar o ditongo nasal. Como se pode constatar no gráfico a seguir, a curva de distribuição revela que (i) jovens e idosos apresentam comportamento muito semelhantes no favorecimento da regra de redução e (ii) os adultos são mais conservadores em relação à implementação da variante estigmatizada. Por esse motivo, Votre (1978), Guy (1981) e Battisti (2002) apontam que se trata de um processo em variação estável, e não de mudança em progresso.

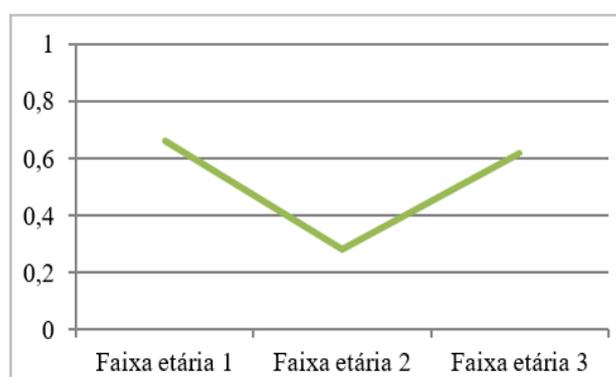


Gráfico 2: Redução dos ditongos nasais nas três faixas etárias.

Alguns comentários podem ser feitos a respeito da linha em *v* do Gráfico 2, sobretudo, quanto ao comportamento da faixa etária 3. Como era esperado, os mais jovens impulsionam o uso da variante com ditongo reduzido com peso relativo de 0,66. Sendo essa variante estigmatizada, conforme sinalizaram Amaral (1955) e Nascentes (1953), os adultos, que estão na fase de inserção no mercado de trabalho, rejeitam-na. As demandas do mercado e do capital linguístico, nos termos de Bourdieu (1996), acabam exercendo pressões sobre seus usos, o que justificaria o baixo peso relativo nessa faixa. Os idosos, ao contrário, estão mais livres desses condicionamentos sociais, podendo retomar o uso de formas mais marcadas. Essa distribuição permitiu observar a curiosa relação estabelecida entre os setores da sociedade no campo linguístico. Entretanto, seria interessante saber se dentro do grupo de idosos haveria algum fator que favoreceria em maior escala o uso da forma reduzida. Para tanto, cruzaram-se as variáveis (i) faixa etária e sexo e (ii) faixa etária e escolaridade.

O cruzamento dos fatores faixa etária e sexo permitiu observar que são os homens da faixa etária 3 que elevam o índice do grupo inteiro (somando os dados das mulheres). Nesse grupo, a fala dos homens apresenta 27% de apagamento dos ditongos nasais; enquanto as mulheres, 14%.

Sexo/Faixa etária	Faixa etária 1	Faixa etária 2	Faixa etária 3
Homem	61/269 (23%)	14/338 (4%)	113/414 (27%)
Mulher	24/110 (22%)	35/295 (12%)	35/244 (14%)
Total	85/379 (22%)	49/633 (8%)	148/658 (22%)

Tabela 8: Redução dos ditongos nasais em relação ao cruzamento das variáveis sexo e faixa etária.

Procedeu-se, além disso, ao cruzamento das variáveis escolaridade e faixa etária, a fim de verificar se poderia haver alguma influência da escolaridade no alto percentual obtido na faixa etária 3. De fato, como evidenciam os dados da Tabela 9, o fator ensino fundamental é bastante favorável à redução do ditongo, já que o índice de 43% está bem acima do índice geral de 17%. Os informantes que têm nível superior, ao contrário, desfavoreceram a aplicação da regra com a taxa de 9%.

Escolaridade/Faixa etária	Faixa etária 1	Faixa etária 2	Faixa etária 3
Fundamental	29/102 (28%)	27/284 (10%)	110/256 (43%)
Superior	56/277 (20%)	22/349 (6%)	38/402 (9%)
Total	85/379 (22%)	49/633 (8%)	148/658 (22%)

Tabela 9: Redução dos ditongos nasais em relação ao cruzamento das variáveis escolaridade e faixa etária.

Acredita-se, portanto, que sejam os homens com ensino fundamental os responsáveis por elevar a frequência relativa na faixa etária 3.

A segunda variável selecionada foi *escolaridade*, como já se supunha. O fator ensino

superior completo não favoreceu a aplicação da regra, pois teve 11% de ocorrências e peso de 0,36. Já o fator ensino fundamental completo atuou mais fortemente no número de ocorrências do processo. O peso relativo de 0,71 e a taxa de 26% confirmam a hipótese de que a fala dos indivíduos com menor escolaridade é mais sensível à redução dos ditongos nasais.

Escolaridade	Oco./ Total	% de redução	Peso relativo
Fundamental	166/ 642	26	0,71
Superior	116/ 1028	11	0,36
Total	282/1674	17	Input de 0,09

Tabela 10: redução dos ditongos nasais em relação à variável escolaridade.

Com relação à *extensão do vocábulo*, a hipótese de que as formas mais extensas favoreceriam a redução parece ter sido confirmada, pois os vocábulos trissilábicos e polissilábicos tiveram peso relativo de 0,60 e 0,62, respectivamente. Ao contrário, os itens mais curtos têm um efeito bastante desfavorável em relação à redução dos ditongos, visto que os dissílabos têm peso de 0,37.

Extensão	Oco./ Total	% de redução	Peso relativo
Dissílabo	73/779	9	0,37
Trissílabo	154/663	23	0,60
Polissílabo	55/232	24	0,62
Total	282/1674	17	Input de 0,09

Tabela 11: Redução dos ditongos nasais em relação à variável dimensão.

A frequência relativa dos fatores acompanha os valores dos seus respectivos pesos relativos, mostrando, assim, um movimento gradativo do item mais curto para o mais longo entre os polos de manutenção do ditongo e redução do ditongo. Esses resultados apontam coerentemente para o princípio da saliência fônica (LEMLE e NARO, 1977), segundo o qual vocábulos menores são mais salientes e, por isso mesmo, têm menor probabilidade de sofrer certos processos fonológicos (VOTRE, 1978).

Com relação à localização geográfica, esperava-se que Nova Iguaçu⁶ tivesse um comportamento mais favorável à redução, já que parece não ser um fenômeno de prestígio (VOTRE, 1978). Assim, os informantes de Copacabana, conhecido como um bairro de classe média, favoreceriam em menor proporção o uso da variante com ditongo nasal reduzido, visto ser estigmatizado.

Os resultados da Tabela 12 confirmam essa hipótese, pois o efeito favorecedor do valor

⁶ Sabemos do problema metodológico em comparar um município (Nova Iguaçu) com um bairro de outro município (Copacabana), porém decidimos manter a distribuição geográfica, que é um dos pontos centrais do *corpus*.

0,63 para Nova Iguaçu é oposto ao peso relativo de 0,37 para Copacabana.

Localização geográfica	Oco./ Total	% de redução	Peso relativo
Nova Iguaçu	178/ 832	21	0,63
Copacabana	104/ 838	12	0,37
Total	282/1674	17	Input de 0,09

Tabela 12: Redução dos ditongos nasais em relação à variável localização geográfica.

A classe morfológica dos vocábulos também se mostrou relevante na análise dos dados. A hipótese adotada fazia referência a um critério funcional, que pode ser descrito do seguinte modo: nas classes em que a nasal final carrega informação morfológica, haveria uma tendência para a manutenção do ditongo nasal, ao passo que, nas demais classes, haveria uma probabilidade maior de redução. A classe em que se percebe a nasal como morfema é a dos verbos, que apresentam desinência de terceira pessoa do plural representada por {-m}. Nas demais categorias gramaticais, a nasalidade é apenas um elemento fonológico sem valor mórfico, como em *ontem* (advérbio) e *garagem* (substantivo).

Sendo assim, os resultados da Tabela 13 confirmam, em parte, a hipótese, visto que a classe dos substantivos foi a que mais favoreceu a aplicação da regra com 0,72 de peso relativo e 31% das ocorrências. Outro contexto ligeiramente favorecedor da redução é o de verbos no passado, cujo peso relativo de 0,54 vai de encontro ao que era esperado. As demais categorias não contribuíram para que a variante estigmatizada ocorresse.

Categoria Gramatical	Oco./ Total	% de redução	Peso relativo
Substantivo	63/ 203	31	0,72
Verbo no presente	80/ 676	12	0,44
Verbo no passado	131/ 706	19	0,54
Verbo no futuro	2/ 13	15	0,47
Infinitivo flexionado	2/ 60	3	0,10
Advérbio	0/11	0	-
Imperativo	0/3	0	-
Total	282/1674	17	Input de 0,09

Tabela 13: Redução dos ditongos nasais em relação à variável categoria gramatical.

Na variável contexto fonético precedente, a oclusiva foi o único fator que favoreceu a redução dos ditongos nasais, com 0,62 de peso relativo. Por sua vez, a fricativa, com 0,53, e a nasal, com 0,52, estão muito próximas ao ponto neutro, o que inviabiliza afirmações categóricas. Os demais casos inibiram a atuação do processo. Como se esperava, os casos de hiato tiveram peso de 0,24 e foram, portanto, os que mais preservaram o ditongo. Esse resultado confirma a hipótese de Battisti (2002) de que sílabas sem ataque inibiriam a atuação da regra. A princípio,

os índices revelam que há um maior favorecimento quando o ataque é preenchido, uma vez que havendo uma vogal na posição precedente, ou seja, ataque não preenchido, o peso relativo é de 0,24.

Contexto Precedente	Oco./ Total	% de redução	Peso relativo
Oclusiva	45/ 285	16	0,62
Fricativa	102/468	22	0,53
Nasal	14/ 111	12	0,52
Lateral	4/ 84	5	0,28
Tepe	109/ 611	18	0,49
Vogal	8/ 115	7	0,24
Total	282/1674	17	Input de 0,09

Tabela 14: Redução dos ditongos nasais em relação à variável contexto precedente.

Os resultados obtidos para a variável vogal simultânea não confirmaram a hipótese de que os segmentos mais altos favoreceriam a redução do ditongo, uma vez que a vogal [i] teve peso de 0,12 e a vogal [u] preservou categoricamente o ditongo. Ao contrário, a favorecedora do processo foi a vogal baixa [a]. Embora [e] tenha tido maior percentual do que [a], 19% e 16%, respectivamente, a vogal baixa teve um peso relativo maior, 0,54 contra 0,45 da vogal média.

Vogal Simultânea	Oco./ Total	% de redução	Peso relativo
[a]	177/ 1095	16	0,54
[e]	102/ 547	19	0,45
[i]	3/ 30	10	0,12
[u]	0/2	0	-
Total	282/1674	17	Input de 0,09

Tabela 15: Redução dos ditongos nasais em relação à variável vogal simultânea

A última variável selecionada pelo programa foi sexo, cujos resultados estão na Tabela 16. Observa-se que a redução do ditongo é mais recorrente na fala dos homens (18%) que na das mulheres (14%). Entretanto Guy (1981), ao verificar o mesmo tipo de distribuição, afirma que não se pode dizer que o fenômeno seja uma característica da fala masculina, pois as mulheres também apresentam a desnasalização. Ao contrário, seria mais interessante descrever a fala feminina como maior retentora da nasalidade.

Sexo	Oco./ Total	% de redução
Homem	188/ 1021	18
Mulher	94/ 649	14
Total	282/1674	17

Tabela 16: Redução dos ditongos nasais em relação à variável sexo

Considerações finais

Neste trabalho, pretendeu-se apresentar o fenômeno da redução dos ditongos nasais e realizar uma análise sociolinguística dos contextos favorecedores da implementação do processo. Partindo das considerações de pesquisas anteriores (VOTRE, 1978; GUY, 1981; BATTISTI, 1997, 2002; BOPP da SILVA, 2005), objetivou-se confirmar a hipótese de que é um fenômeno mais frequente na fala de indivíduos com menor escolaridade. Para tanto, utilizou-se uma amostra constituída de entrevistas com informantes do sexo masculino e do feminino distribuídos em dois níveis de escolaridade: ensino fundamental e ensino superior.

Com base nos resultados, não há instrumentos que permitam a classificação do processo como exclusivo da fala popular, visto que também ocorre na fala dos indivíduos cultos. Ainda que, conforme foi apresentado na Tabela 10, o percentual de ocorrência seja maior na fala popular (com 26%) do que na culta (com 11%), não há indícios suficientes que balizem a correlação entre a redução dos ditongos e a fala popular. Pode-se afirmar que seja um fenômeno de variação estável mais presente na fala popular, sem que seja uma particularidade de sua variedade, conforme acreditavam Amaral (1955) e Nascentes (1953).

Referências

AMARAL, A. O dialeto caipira. São Paulo: Anhembi, 1955.

BATTISTI, E. A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos: uma abordagem baseada em restrições. Tese (doutorado). Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

_____. “A redução dos ditongos nasais átonos”. BISOL, L.; BRESCANCINI, C. Fonologia e variação: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. “A Nasalidade, um Velho Tema”. DELTA, vol.14, 1998.

BOPP da SILVA, T. A redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de palavra entre falantes bilíngues e monolíngues do Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado) Porto Alegre: UFRGS, 2005.

BOURDIEU, P. A economia das trocas linguísticas – o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996.

BRESCANCINI, C. e MONARETTO, V. “Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações”. SIGNUM: Estudos da Linguagem, Londrina, n.11/2, p. 51-66, 2008.

BRIGHT, W. (org). Sociolinguistics: proceeding sof the UCLA Sociolinguistics Conference. Haia-Paris: Mouton, 1966.

- CALDAS, V. e CALLOU, D. “O apagamento do rótico em posição de coda silábica: indicadores linguísticos e sociais”. Anais da 25ª Jornada Nacional do GELNE. 2014.
- CALLOU, D. e SERRA, C. “Variação do rótico e estrutura silábica”. Revista do GELNE, v. 14, p. 41-57, 2012.
- CASTRO, C. A prosódia da negação: a realização do não no português brasileiro. Tese (doutorado). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.
- CASTRO, I. Curso de história da língua portuguesa. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- CHAMBERS, J. K. Sociolinguistic Theory. Oxford: Blackwell Pub., 1995.
- CHOMSKY, N. Aspectos da teoria da sintaxe. Coimbra: Armênia Amado, 1975.
- GUY, G. Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history. Tese (doutorado). Pennsylvania: Universidade da Pennsylvania, 1981.
- _____. Principles of linguistic change. Internal Factors. Oxford: Blackwell, 1994.
- LABOV, W. The social stratification of English in New York. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- _____. Principles of linguistic change. Internal Factors. Oxford: Blackwell, 1994.
- _____. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LAKOFF, G. Women, Fire and dangerous things. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LEMLE, M. e NARO, A. J. Competências básicas do português. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977.
- MARCHAL, A. e REIS, C. Produção da fala. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.
- NASCENTES, A. O linguajar carioca. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.
- PUTNAM, H. Corda tripla: mente, corpo e mundo. São Paulo: Ideias e Letras, 2008.
- SAUSSURE, F. de. Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SCHWINDT, L. C. e BOPP da SILVA, T. “Panorama da redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do sul do Brasil”. BISOL, L. e COLLISCHON, G. Português do Brasil: variação fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- TRUDGILL, P. Sociolinguistics: an introduction to language and society. London: Pelican Books, 1974.
- VOTRE, S.J. Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro. Tese (doutorado). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1978.

WEEDWOOD, B. *História concisa da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WETZELS, W. L. “The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese”. *Probus*, Netherlands, n.9, p.203-232, 1997.

Sobre Dinah Callou — *Caio Cesar Castro da Silva*⁷

⁷ Minha relação com a Dinah vai desde a admiração, pela profissional competente e íntegra que é, à gratidão, pelo acolhimento e pela boa vontade que sempre teve comigo. De uma conversa sobre o apagamento do rótico ou sobre a vitória do Flamengo, sempre se pode esperar a sagacidade pela qual Dinah é conhecida. Espero que sua lucidez e sua disposição em trabalhar possam contribuir ainda mais para a formação de novos profissionais e para a compreensão linguística e sócio-histórica do português falado em território brasileiro.